



EIXO 4 – VIDA COTIDIANA E PATRIMÔNIO

LUGARES DE SOCIABILIDADE LGBTQIAP+ EM SÃO PAULO: reconhecendo referências culturais

QUINTERO, Bruna. (1); TOURINHO, Andréa de Oliveira. (2)

1. Universidade São Judas Tadeu. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Arquitetura e Urbanismo.
R. Taquari, 546 – São Paulo, SP, Brasil.
brunaqv@gmail.com
2. Universidade São Judas Tadeu. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Arquitetura e Urbanismo.
R. Taquari, 546 – São Paulo, SP, Brasil.
andrea.tourinho@saojudas.br

RESUMO

O resgate da memória de grupos marginalizados é essencial para a completude das lacunas da historiografia, em que se busca uma compreensão mais ampla das dinâmicas sociais contemporâneas. Documentar seus lugares de sociabilidade é uma maneira de preservar essa memória e demonstrar sua importância na construção das dinâmicas urbanas por meio da identificação de espaços, construídos ou não. O estudo das áreas apropriadas pela comunidade LGBTQIAP+ na cidade de São Paulo pretende mostrar como o conhecimento e a difusão da história de grupos sociais marginalizados podem impactar na preservação do território de modo mais amplo, pois é possível percebê-lo sob outras perspectivas e enxergar novas referências culturais. Antes desconhecidas ou marginalizadas, essas referências atribuem novos significados a lugares específicos ou mesmo trechos da cidade, contribuindo, assim, para uma visão mais integral das identidades relacionadas a distintos territórios urbanos. Foram utilizados relatos, estudos documentais e guias de localidades para a identificação e análise dos lugares de sociabilidade da referida comunidade, consistentes em estabelecimentos de entretenimento noturno e áreas públicas por ela apropriadas ao longo dos séculos XX e XXI. A partir disso, foram realizados mapeamentos com recorte temporal por décadas, com base nos dados do GeoSampa da Prefeitura Municipal de São Paulo e o *software* Google Earth. É possível observar como lugares de referência já conhecidos nas regiões centrais adquirem novos significados por meio das perspectivas de vivências ainda não consideradas amplamente nas dinâmicas urbanas, enquanto regiões mais afastadas, como as periferias, revelam novos pontos de interesse cultural através de narrativas diversas e, muitas vezes, informais. Dessa forma, o mapeamento constitui um instrumento importante de identificação e reconhecimento dessas referências culturais, contribuindo para a valorização da memória e enriquecimento da história não apenas desse grupo social, mas também da cidade, considerando-se a escala ampliada do estudo, abarcando regiões urbanas centrais e periféricas.

Palavras-chave: memória; patrimônio urbano; LGBT; mapeamento.

Introdução

A contemporânea cidade de São Paulo é uma entidade complexa cuja consolidação e compreensão como metrópole ainda apresenta profundas lacunas deixadas pelo silenciamento das narrativas de grupos sociais marginalizados. O resgate dessas memórias pode ajudar na completude dessas lacunas e na melhor compreensão do funcionamento e história da cidade ao ressignificar e apresentar novos locais e acontecimentos sob uma nova ótica, nesse caso, a da comunidade LGBTQIAP+ enquanto grupo social de orientação sexual e expressão de gênero marginalizadas. A exploração de suas apropriações espaciais e observação de suas referências culturais, construído ou não, podem contribuir no diálogo sobre a importância de visibilizar as contribuições de grupos sociais marginalizados no âmbito das dinâmicas urbanas cotidianas, na luta pela quebra de paradigmas sociais que perpetuam preconceitos e violências.

A pesquisa apresenta um panorama das movimentações e consolidações territoriais da comunidade LGBTQIAP+ por meio do mapeamento de seus pontos de sociabilidade mais notáveis entre o início do século XX e metade da década de 2010, além de questões de ordem social e mercadológica que as incentivaram. Os pontos de interesse apresentados pretendem mostrar como o resgate da memória e história de grupos sociais marginalizados nas dinâmicas urbanas é capaz de ressignificar a memória e história da própria cidade. Para tal, o mapeamento é um instrumento crucial para se entender com maior facilidade como esses grupos sociais se apropriam do espaço urbano, moldando-o e por ele sendo moldados, mostrando também recorrências de ocupação que caracterizam referenciais culturais urbanos relacionados à memória afetiva e resistência de presenças marginalizadas, apontando presenças em pontos ainda não considerados. Ao se referir à memória e à história não apenas da comunidade, mas da própria cidade, esses pontos constituem parte das referências culturais e patrimônio de ambas:

Os lugares de resistência na cidade são preciosos. Recuperar as narrativas de grupos que lutaram e sofreram para garantir sua própria sobrevivência e construir um mundo melhor nos ajuda a manter vivas as nossas próprias esperanças e pautas para as transformações sociais no presente e no futuro. (Cymbalista, 2019, p. 39)

Vários desses lugares ganham significado por meio de “memórias difíceis”, ou seja, estão atrelados a acontecimentos que marcaram as trajetórias dos grupos marginalizados em relação às dificuldades impostas pelos preconceitos sociais e violências institucionais que perpetuam sua marginalização:

Lugares invisíveis são jazidas de narrativas esquecidas pelas sucessivas camadas de intervenções materiais e sociais, jazidas que podem ser exploradas. Servem para refletirmos sobre as razões do apagamento, da destruição e da ruína, sobre as vítimas dos processos de transformação e modernização. (Cymbalista, 2019, p. 61)

Os pontos de interesse foram filtrados com enfoque na relevância para a consolidação da identidade da comunidade LGBTQIAP+ dentro das dinâmicas metropolitanas e da identidade da própria cidade, especialmente pontos que possam ser considerados referências culturais de caráter afetivo na memória desse coletivo; a coleta de informações se baseou em estudos documentais e relatos daqueles que participaram dessa sociabilidade. A apresentação das informações é realizada por décadas e os mapeamentos agregam períodos contíguos para mostrar como as movimentações e consolidações territoriais se desenvolvem na escala distrital e municipal; os distritos são referenciados de acordo com o sistema de mapeamento digital GeoSampa, gerenciado pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano (SMDU) da Prefeitura da Cidade de São Paulo e os mapas usam como base imagens aéreas do *software* Google Earth do ano de 2021.

Início do século XX

Na primeira metade do século XX, a sociabilidade homossexual masculina começa a se desenvolver na região do centro histórico, compreendida pelos distritos da Sé e República, principalmente nos espaços públicos como o vale do Anhangabaú e praças da República (ambos no distrito da República) e da Luz (distrito do Bom Retiro), concomitantemente com a transformação da cidade em metrópole (Figura 1) (Green, 2000). Essa região se torna o epicentro da cultura homossexual da cidade, sendo incorporada à sua própria identidade de grupos social.

Década de 1950

As áreas públicas foram cruciais no desenvolvimento da sociabilidade homossexual masculina junto aos seus estabelecimentos comerciais e de serviço com programas variados. Por volta da metade da década de 1950, a sociabilidade ocorreu principalmente na região das avenidas Duque de Caxias e São Luís e seus cinemas, na praça Dom José Gaspar e seus bares e cafés e na praça da República e seus pontos de meretrício; um dos

únicos pontos relacionados a sociabilidade lésbica ficava na praça Júlio Mesquita (todos no distrito da República) (Figura 1). (Steffen, 2017; Perlongher, 1987)

Outras apropriações do espaço público, especialmente para flerte, incluíram circuitos feitos a pé apelidados pelos usuários de *petit tour* (do francês, pequeno circuito), no quarteirão da rua Sete de Abril entre as ruas Marconi e Dom José de Barros, e o *grand tour* (do francês, grande circuito), entre as ruas Barão de Itapetininga, 24 de Maio e o Teatro Municipal na praça Ramos de Azevedo (todos no distrito da República). Encontros íntimos e sexuais eram comuns nos cinemas das avenidas Ipiranga e São João, região apelidada de Cinelândia Paulistana (Figura 1). (Green, 2000; São Paulo..., 2013; Steffen, 2017)

Década de 1960

Na década de 1960, o crescente desenvolvimento econômico de São Paulo impacta o desenvolvimento de sua identidade urbana enquanto metrópole, que, por sua vez, impacta o desenvolvimento das identidades dos grupos sociais que a conformam devido as novas possibilidades de sociabilidade, principalmente nos distritos centrais (Molina, 2011). O desenvolvimento foi também cultural, pois ganha força a busca de visibilidade das identidades marginalizadas dentro das dinâmicas sociais, por meio do resgate de suas narrativas silenciadas pelas identidades dominadoras (Hall, 2006). Porém, concomitantemente foram instauradas na América Latina ditaduras militares, abrindo uma era de repressão e perseguição de direitos civis, principalmente das identidades marginalizadas, por vezes perseguidas pelas forças de segurança pública e instituições governamentais (Green, 2000).

Antes do golpe militar de 1964, a região do centro histórico era convidativa às sociabilidades variadas por oferecer eventos culturais e estabelecimentos de entretenimento noturno, criando uma região movimentada. A Galeria MetrÓpole foi um dos mais importantes pontos de sociabilidade homossexual do período. Inaugurada em 1960 na avenida São Luís (distrito da República) e ainda em funcionamento, rapidamente ficou conhecida como ponto de flerte desse grupo que desenvolvia sua sociabilidade pelas escadas rolantes e encontros íntimos nos banheiros; os bares e pontos adjacentes a galeria também reuniam amplo movimento. Após o golpe, a Galeria MetrÓpole foi fechada e ações de violência policial deslocaram a sociabilidade LGBTQIAP+ primeiro à rua Nestor Pestana, depois à avenida Vieira de Carvalho e depois para o largo do Arouche. Nessa década surge um dos primeiros

estabelecimentos na rua Augusta, o bar Intend's. (Figura 1) (Perlongher, 1987; São Paulo..., 2013)

Figura 1 – Espaços públicos e estabelecimentos de entretenimento noturno frequentados pela comunidade LGBTQIAP+ entre o início do século XX a década de 1960.



Fonte: indicações de Bruna Quintero sobre foto aérea em Google Earth, sem escala (2021).

Década de 1970

Devido à situação política no país, na década de 1970, houve a necessidade da criação de grupos civis de resistência anti-ditadura e reafirmação de identidades marginalizadas como negros, mulheres e homossexuais. Em meio a forte censura estatal, foram cruciais à difusão de informações desses grupos os periódicos de mídia alternativa e as breves possibilidades de inserção de suas temáticas na mídia tradicional, como o jornal Lampião de Esquina e a Coluna do Meio de Celso Curi, respectivamente, que tiveram seus editores e colaboradores perseguidos e processados. (Trevisan, 2000)

Porém, a censura e a repressão institucionalizadas não foram capazes de barrar o desenvolvimento da sociabilidade LGBTQIAP+. Nessa época surgiram as boates, programa de entretenimento noturno em espaços mais resguardados do que os bares, permitindo

maior liberdade e relativo resguardo na expressão e interações interpessoais homoeróticas – surgiram seguindo uma nova movimentação da sociabilidade a sudoeste da cidade.

Nesse período, esses lugares começaram a subir em direção ao espigão da avenida Paulista, pelas ruas Augusta (lado do distrito da Consolação) e da Consolação (lado do distrito homônimo). Na área central, nos distritos de Santa Cecília e da República continuaram sendo endereço de lugares dessa sociabilidade. O flerte a pé foi substituído pelo de carro no circuito denominado Autorama entre a Galeria Metrôpole e o Teatro Municipal. (Figura 2) (Cymbalista, 2019; São Paulo..., 2013; Perlongher, 1987)

Década de 1980

Um dos piores momentos em relação à presença LGBTQIAP+ na cidade de São Paulo foi o das operações de “limpeza urbana” realizadas pelo delegado Wilson Richetti entre 1976 e 1982 durante a ditadura militar, que, por meio da violência policial, pretendiam expurgar dos distritos centrais as presenças dessa comunidade junto as prostitutas que tinham pontos de serviço nas vias públicas (Comissão..., 2015). Além de estratégias judiciais e coerções violentas, outras estratégias foram utilizadas, como o deslocamento sucessivo da sociabilidade LGBTQIAP+ e apreensões focadas nos estabelecimentos que a constituíam; o que ocorreu no largo do Arouche, em que sua sociabilidade foi deslocada mais uma vez para a rua Marquês de Itu, no quarteirão entre as ruas Bento Freitas e Rego Freitas, reduzindo ainda mais a apropriação do espaço para apenas as calçadas em frente aos estabelecimentos comerciais dessa região, facilitando as operações policiais (Figura 2) (São Paulo..., 2013). Essa instabilidade e perseguição pretendiam desestruturar as redes de sociabilidade e afugentar os frequentadores, configurando mais um dos obstáculos da vivência LGBTQIAP+ na cidade, marcando a história desse grupo por meio da memória afetiva ligada a apropriação do espaço urbano, mas não apenas de forma negativa, mesmo que ainda *difficil*.

Em 13 de junho de 1980, grupos organizados da sociedade civil de lésbicas, gays, negros e estudantes se reuniram nas escadarias do Teatro Municipal para um ato de repúdio em resposta as operações e a violência policial, que de leitura de carta aberta à sociedade se tornou em uma marcha que permeou a avenida São João e culminou no largo do Arouche, considerada um dos primeiros atos em prol dos direitos LGBTQIAP+ no Brasil; tendo defendido também a segurança das travestis e prostitutas. Outros atores sociais se colocaram contra Richetti, como a Dr.^a Alice Soares que promoveu apoio jurídico às

prostitutas e travestis por meio do Centro Acadêmico XI de Agosto da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (Figura 2) (Comissão..., 2015; Perlongher, 1987). Os grupos homossexuais organizados que surgiram nessa época foram essenciais não apenas nas lutas cotidianas por visibilidade das identidades sexuais e de expressão de gênero não normativas, mas também na resistência anti-ditadura, conectando-se a outras identidades, como no caso da passeata – um dos mais importantes foi o SOMOS – Grupo de Afirmação Homossexual, que proporcionou a criação de outros, como o GALF, Grupo de Ação Lésbico-Feminista. O Ferro's Bar na rua Martinho Prado (Figura 2) foi ponto de sociabilidade lésbica desde a década anterior e também alvo das operações policiais. (Trevisan, 2000)

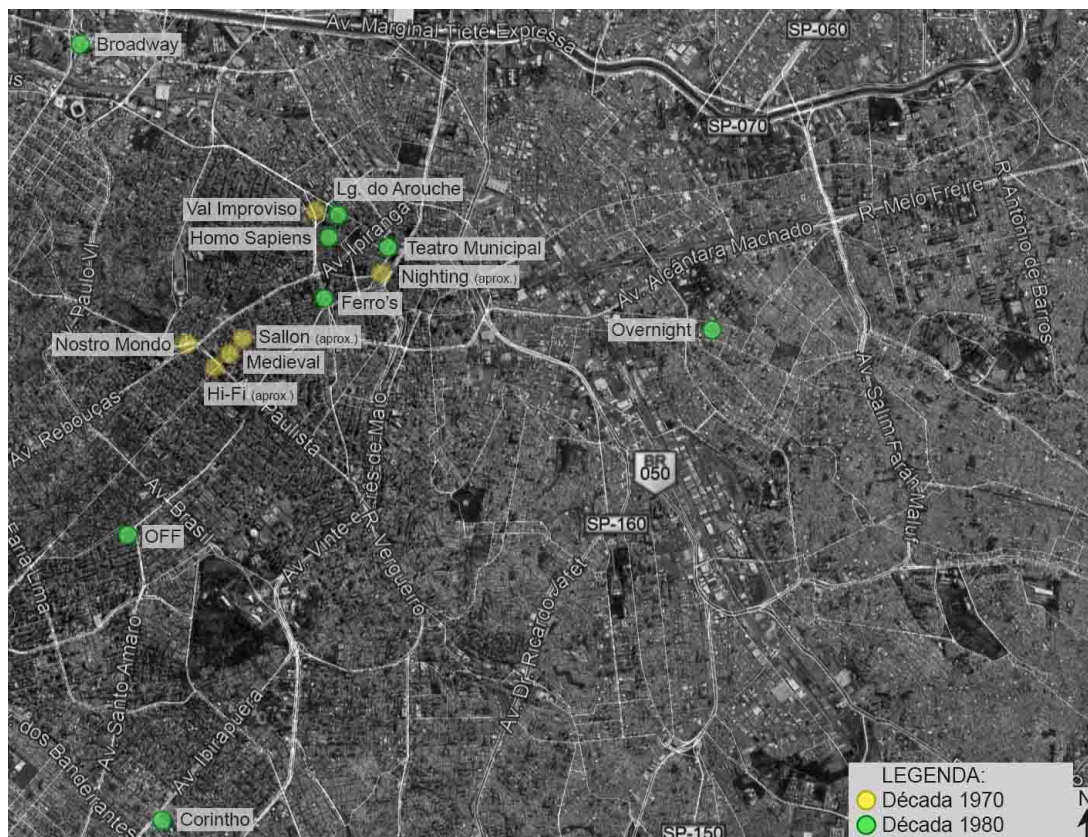
Já em meio à redemocratização de 1988, a sociabilidade LGBTQIAP+ começou a se deslocar a sentido sudoeste da cidade, mas dessa vez devido estratégias mercadológicas de estabelecimentos comerciais voltados a grupos de maior poder aquisitivo dentro da comunidade. A nova ocupação acontece principalmente nos distritos de Jardim Paulista e Pinheiros, área apelidada de Jardins, marcando uma divisão de públicos dentro da comunidade baseada em possibilidade de consumo consequentemente atrelada as possibilidades de apropriação do espaço. Assim, mesmo que o gueto LGBTQIAP+ ainda estivesse atrelado aos distritos centrais, outras áreas passaram a fazer parte dessa ocupação, mas em regiões não contíguas, configurando-se em uma experiência excludente em que se identificar com a comunidade não é suficiente para usufruir dos novos pontos de sociabilidade:

A segregação nem sempre é negativa, ela pode ser uma marca de identidade de um grupo específico que deseja se concentrar no espaço (...). Mas saber identificar os lugares onde a segregação é forçada, ou é fruto de marginalização, nos ajuda a construir um futuro mais justo e mais integrado. (Cymbalista, 2019, p. 19)

Surgiram estabelecimentos voltados à comunidade ou que a recebiam junto a outros públicos também para além dos distritos já consolidados. Ficou mais marcada a diferenciação de público por expressão de gênero, em que estabelecimentos voltados a gays e a lésbicas começaram a apresentar ambientes diferenciados em meio ao surgimento de mais locais voltados e administrados por lésbicas (Figura 2). (São Paulo..., 2013)

A década de 1980 foi crucial na consolidação das identidades LGBTQIAP+ em relação à sua sociabilidade e apropriação dos espaços urbanos, mas o final da década trouxe ainda outro obstáculo com a epidemia da AIDS/HIV, retrocedendo muitas das conquistas de mudança de paradigmas sociais em relação a essas identidades.

Figura 2 – Espaços públicos e estabelecimentos de entretenimento noturno frequentados pela comunidade LGBTQIAP+ as décadas de 1970 e 1980.



Fonte: indicações de Bruna Quintero sobre foto aérea em Google Earth, sem escala (2021).

Década de 1990

No final da década de 1980 e início da de 1990, a epidemia da AIDS/HIV – infecção viral que afeta o funcionamento do sistema imunológico – afetou majoritariamente e inicialmente as travestis e homens que mantinham relações sexuais com homens, devido ao fato de uma das vias de transmissão ser a relação sexual sem proteção física, em que a rápida velocidade de contágio e mortalidade impôs a necessidade de respostas urgentes e efetivas no combate não apenas da doença, mas dos estigmas atrelados a ela.

No final da década de 1990, superado o pior momento da epidemia, a sociabilidade passou a se misturar com diversas culturas urbanas nos estabelecimentos de entretenimento noturno, especialmente na região dos Jardins. Essa situação foi em parte impulsionada pela criação da sigla GLS em São Paulo, referindo-se a *gays*, *lésbicas* e *simpatizantes*, último termo que pode ter se referido tanto a pessoas que não encaixavam nem na heterossexualidade nem nos outros termos da sigla, tanto àqueles que não praticavam sua sexualidade abertamente. A difusão da sigla possibilitou que estabelecimentos voltados a

públicos cisheterossexuais vendessem sua ambientação a públicos relacionados a sociabilidade homossexual, mas que não se identificavam completamente com ele, tornando-se uma estratégia mercadológica de expansão do mercado consumidor em que “a identificação dos espaços de consumo ligados ao público homossexual sem dúvida impulsionou a expansão GLS desse mercado e possibilitou sua visibilidade para além do ‘gueto’.” (França, 2007, p. 237). Novas áreas começaram a fazer parte da sociabilidade LGBTQIAP+ paulistana para além das consolidadas nos distritos centrais, como as ruas Frei Caneca, Augusta, da Consolação e avenida Paulista (Figura 3) (Cymbalista, 2019; Steffen, 2017).

Nessa década surgiram os grandes eventos periódicos voltados à comunidade como o Mercado Mundo Mix, Festival Mix Brasil da Diversidade Sexual e a Parada do Orgulho, todos ainda acontecendo anualmente (Steffen, 2017). A Parada do Orgulho se tornou o maior evento LGBTQIAP+ da cidade, alcançando reconhecimento internacional e atraindo milhões de participantes, atrelando a identidade da avenida Paulista, local onde ocorre no mês de junho, com boa parte da identidade da comunidade que ela exalta, sendo um dos exemplos mais difundidos da conexão entre identidades sociais e meio urbano.

Década de 2000

Seguindo a tendência das estratégias mercadológicas ligadas ao conceito GLS, no início da década de 2000, os grupos sociais da sigla passaram a ser vistos como mercado consumidor ainda não explorado para além de sua sociabilidade à medida que essas identidades passaram a ser mais assimiladas por parte da sociedade.

Na década de 2000 continuaram a se popularizar os estabelecimentos não voltados exclusivamente a LGBTQIAPs+, mas também frequentados por eles por meio do conceito “*gay friendly*”. As regiões dos Jardins e do Baixo Augusta (região da praça Franklin Roosevelt, ruas Augusta, Peixoto Gomide e adjacentes, distritos da Consolação e Bela Vista), se tornaram os maiores pontos dessa sociabilidade, em grande medida impulsionados por possibilidades de consumo em que o espaço passa a ser tratado como mercadoria (Giovani, 2018).

Ao passar da década, o Baixo Augusta recebeu renovado interesse dos frequentadores de maior poder aquisitivo a ponto de ser considerado o “novo Jardins” em que alguns estabelecimentos da zona oeste se transferem para a região e outros surgem, mas voltados

ao tipo de público inicial dos Jardins, de maior poder aquisitivo, sem intenção de se conectar ao público já estabelecido do Baixo Augusta, de menor poder aquisitivo, gerando um processo de gentrificação e impondo mais barreiras a sociabilidade fora dos padrões esperados pelo mercado (Giovani, 2018).

Década de 2010

A sociabilidade LGBTQIAP+ na década de 2010 continuou a se desenvolver nas mesmas regiões e localidades das duas décadas anteriores, aproveitando vários dos mesmos estabelecimentos, mas havendo algumas expansões além das já observadas.

Em relação a pontos já reconhecidos, um dos pontos mais importantes persiste no largo do Arouche (distrito da República), que concentra frequentadores tanto das regiões mais próximas como das periféricas e de diversos grupos sociais distintos, devido a apropriação histórica desse espaço público pela comunidade LGBTQIAP+ através das décadas, criando um ambiente em grande medida acolhedor, seguro e o qual identidade se conecta e desse grupo (Figura 3). A persistência dessas presenças é capaz de moldar as dinâmicas cotidianas do meio urbano e, em troca, o espaço é capaz de proporcionar ampla sociabilidade, mesmo que não escape de disputas entre grupos sociais antagonistas, possibilidade comum aos espaços centrais, devido serem locais não dominados por um grupo social específico. (Giovani, 2018)

Mas além dos espaços já conhecidos, começam a aparecer com mais destaque alguns espaços e estabelecimentos na zona leste que servem de exemplo nos estudos etnográficos da comunidade nas regiões periféricas (Figura 3) (Kobayashi, 2013).

Figura 3 – Espaços públicos e estabelecimentos de entretenimento noturno frequentados pela comunidade LGBTQIAP+ entre as décadas de 1990 e 2010.



Fonte: indicações de Bruna Quintero sobre foto aérea em Google Earth, sem escala (2021).

Considerações Finais

A sociabilidade LGBTQIAP+ em São Paulo teve sua gênese de forma muito concentrada nos distritos da Consolação, República, Sé e Bom Retiro da região central, aproveitando-se principalmente das áreas e vias públicas. O meio público das regiões centrais da escala municipal possibilitou o desenvolvimento de relações interpessoais à margem das identidades normativas devido à característica dessas regiões em apresentar amplas infraestruturas de lazer e consumo de fácil acesso, atraente a diversos grupos sociais. A persistente concentração da presença da comunidade entre o início do século XX até meados da década de 1980 na região central da cidade foi capaz de mesclar seus signos identitários de tal maneira que suas identidades se sobrepõem, marcando o “gueto *gay*” como parte da memória afetiva desse grupo social e como ele é lido pelo resto da sociedade. O mapeamento de lugares já amplamente reconhecidos pela ótica da comunidade LGBTQIAP+ possibilita novas leituras das referências culturais e patrimônio urbano, que ganha significados e desvelam histórias desconhecidas, mas essenciais para a compreensão do estado atual da cidade e sociedade contemporâneas. Nesse intervalo de tempo, percebe-se o quanto essa região amplamente reconhecida e, no momento atual em grande medida deteriorada e esvaziada pelos grupos de maior poder aquisitivo, carrega outros tipos de memórias difíceis relacionadas a perseguição e violência ao mesmo tempo

que apresenta importantíssimos pontos de resistência e coragem como o Ferro's Bar, o Teatro Municipal e o largo do Arouche.

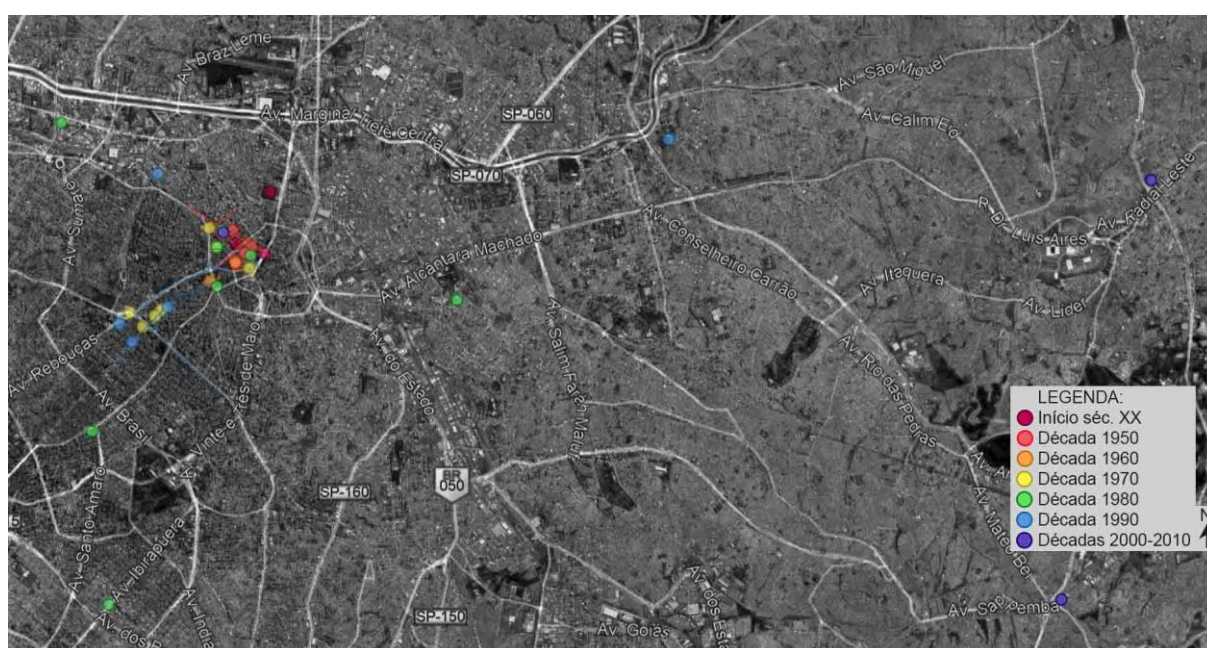
O subsequente espalhamento da sociabilidade a sentido sudoeste da cidade ao longo das ruas da Consolação e Augusta, culminando na região dos Jardins e distritos da zona sul, mostra como forças externas aos grupos sociais são capazes de moldá-los e como o funcionamento da cidade acontece em diferentes camadas impulsionadas por interesses diversos de atores sociais diversos. Mais uma vez o mapeamento é capaz de mostrar com facilidade a maneira como essa movimentação ocorre, evidenciando a saída dos grupos de maior poder aquisitivo da região do centro histórico com mais ênfase na década de 1980, mostrando como a sociabilidade passou a se voltar em grande medida aos locais já ocupados pelos grupos de poder aquisitivo dentro da comunidade. Da mesma maneira, a persistência da ocupação em pontos já reconhecidos como o largo do Arouche, evidencia também as resistências da comunidade no meio urbano, delimitando uma referências cultural afetiva em constante ocupação relacionado principalmente as áreas públicas da zona central, tanto pela sua relação histórica de pertencimento, tanto pela característica intrínseca dessas áreas de acolherem diversos tipos de públicos que não seria aceitos em estabelecimentos comerciais devido questões de capacidade de consumo e/ou identidade, como no caso das travestis.

Ausências são tão importantes quanto presenças, algo que fica claro com a maior escala que adquire o mapeamento a partir da década de 1990. De fato, a mudança de escala ao longo das décadas mostra como a sociabilidade se espalhou em certa medida no final do século XX, mas deixando claras as persistências das áreas mais antigas. As áreas periféricas da escala municipal integram a discussão com mais afinco nas décadas de 2000 e 2010, com estabelecimentos bem mais longínquos do centro histórico do que os da década anterior, mostrando a presença da comunidade LGBTQIAP+ por todo território municipal, em que seus indivíduos requerem e de fato consomem sociabilidade também perto de seus locais de moradia. É possível que esse mapeamento apresente o início de uma tendência e demarque um período de transição de uma sociabilidade mais recorrente e demarcada, para um conceito mais amplo.

Ao se observar todas as décadas concomitantemente, é notável a maneira como são persistentes as concentrações espaciais nas regiões centrais, como a do largo do Arouche, reforçando e consolidando-o como um dos lugares mais importantes da sociabilidade LGBTQIAP+ na cidade de São Paulo, amplamente atrelado à sua memória e história, constituindo uma referência cultural urbana.

O mapeamento é uma ótima ferramenta para análise das relações entre meio urbano e apropriação de seu espaço pelos diferentes grupos sociais que ocupam, evidenciando seus pertencimentos e desconexões e como mudam ou se mantêm ao longo do tempo. É possível notar claramente as aglomerações de sociabilidade que, postas na escala municipal, ajudam também a mostrar o desenvolvimento da identidade da própria cidade, mostrando como ela passa a possibilitar cada vez mais a apropriação de seu espaço por esse grupo social marginalizado em uma escala também mais ampla (Figura 4).

Figura 4 – Espaços públicos e estabelecimentos de entretenimento noturno frequentados pela comunidade LGBTQIAP+ entre o início do século XX e a década de 2010.



Fonte: indicações de Bruna Quintero sobre foto aérea em Google Earth, sem escala (2021).

Referências

GREEN, James N. Sexo e Vida Noturna – 1920-1945. In: GREEN, James N. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. 1ª. ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP (FEU), 2000. p. 119-188.

COMISSÃO DA VERDADE (CEV) do Estado de São Paulo “Rubens Paiva”. Capítulo 7 – Ditadura e Homossexualidades: Iniciativas da Comissão da Verdade do Estado de São Paulo “Rubens Paiva”. In: *Relatório*, Tomo I – Recomendações Gerais e Recomendações Temática, Parte II: Grupos Sociais e Movimentos Perseguidos ou Atingidos pela ditadura. São Paulo: 2015. 25 p. Disponível em: <comissaodaverdade.al.sp.gov.br/relatorio/tomo-i/parte-ii-cap7.html>. Acesso em: 28 mar. 2020.

CYMBALISTA, Renato (org.). *Guia dos lugares difíceis de São Paulo*. São Paulo: Annablume, 2019. 216 p.

GIOVANI, Caio de. Territorialidades “LGBT” na cidade de São Paulo: uma análise têmporo-espacial (1900-2018). 2018. 202 p. Trabalho de Graduação Individual – Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo.

KOBAYASHI, Maíra. Do lado de lá: um estudo etnográfico sobre as homosociabilidades que se constituem nas periferias da cidade de São Paulo. *Revista Primeiros Estudos*, São Paulo, SP, n. 4, p. 112-122, 2013. Disponível em: <revistas.usp.br/primeirosestudios/article/view/56730/59873>. Acesso em: 1 mar. 2021.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro 11ª. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006. 102 p.

MOLINA, Luana Pagano Peres. Pluralizando a Arte de Amar: A homossexualidade e a historiografia e trajetória do movimento homossexual. *Revista Antíteses*, Londrina, v. 4, n. 8, p. 949-962, jul./dez. 2011. Disponível em: <uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/7153>. Acesso em: 23 maio 2020.

PERLONGHER, Néstor O. Transformações no espaço urbano: o gueto gay paulistano entre 1959 e 1984. In: PERLONGHER, Néstor O. *O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. p. 68-107.

SÃO PAULO em Hi-Fi. Direção de Lufe Steffen. São Paulo: distribuição própria, 2013. 101 min.

STEFFEN, Lufe. Do footing aos afters: vem com a gente fazer uma viagem pela cena noturna LGBT de São Paulo nos últimos 100 anos. *Portal Uol: Blog Music Non Stop*, 6 jun. 2017. Disponível em: <musicnonstop.uol.com.br/uma-viagem-pela-cena-noturna-lgbt-de-sao-paulo-nos-ultimos-100-0anos/>. Acesso em: 09 jul. 2020.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no Paraíso: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 3ª ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000. 586 p.

